

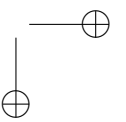
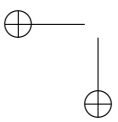
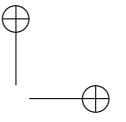
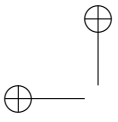
**A Ideia de Educação Liberal  
no Pensamento de Michael  
Oakeshott**



Ana Paula Rosendo

2010

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:press

Covilhã, 2010

FICHA TÉCNICA

Título: *A Ideia de Educação Liberal no Pensamento de Michael Oakeshott*

Autor: Ana Paula Rosendo

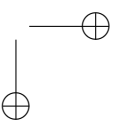
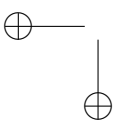
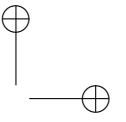
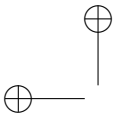
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

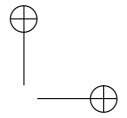
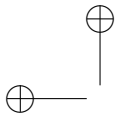
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2010





# A Ideia de Educação Liberal no Pensamento de Michael Oakeshott

Ana Paula Rosendo\*

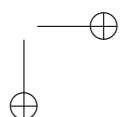
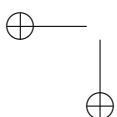
## 1. APRENDER A SER HUMANO

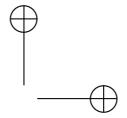
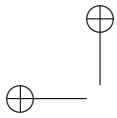
Michael Oakeshott crê que o *compromisso educativo*<sup>1</sup> é uma das actividades humanas mais importantes, porque é através da educação que o Homem se torna naquilo que é. A educação é uma iniciação de neófitos na longa e tradicional história da aprendizagem à vida adulta. Ninguém nasce humano porque a humanidade não é uma potência que se actualiza como resultado de um processo de crescimento portanto, a educação assume um papel essencial neste processo. Se a humanidade do homem fosse o resultado da actualização de uma potência inata, o compromisso educativo seria dispensável. Como nos diz M. Oakeshott na sua obra *The Voice of Liberal Learning*: “(...) Não há tal coisa designada como “natureza humana”; há apenas homens, mulheres e crianças respondendo alegremente ou de forma relutante, reflectidamente ou menos reflectidamente à experiência da consciência que existe como resultado

---

\*Universidade Católica Portuguesa – Lisboa

<sup>1</sup> *Educational Engagement* transmite-nos a ideia de que as gerações mais velhas (os iniciados) assumem o compromisso fundamental de se encarregarem de educar (iniciar) os mais jovens na aprendizagem e na compreensão da sua cultura da qual resultaria a sua “passagem à humanidade”.





da sua auto-compreensão. Sermos humanos também não é “termos uma habilitação especial” como a de engenheiro electrotécnico. Se a nossa principal preocupação é com a auto-consciência, então para que serve toda esta parafernália educativa? (...)”<sup>2</sup> Esta parafernália educativa é muito importante porque, como ele posteriormente considera:“(...) Sim, enquanto seres humanos somos todos *self-made*, mas não do nada e muito menos à luz da natureza(...)”.<sup>3</sup>

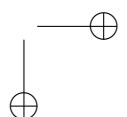
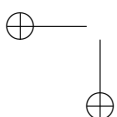
Os seres humanos são seres relacionais e estão indissoluvelmente ligados uns aos outros, não à maneira dos organismos vivos, mas em virtude da sua participação comum num mundo composto por significados. Contrariamente a qualquer organismo vivo, os homens têm uma vontade livre e têm um entendimento de si próprios e do mundo no qual se inserem. Portanto, o ser humano habita um mundo composto por significados, sentimentos e crenças, mas acima de tudo, é um aprendiz porque os significados têm que ser aprendidos. O ser humano aprende ao longo de toda a vida e o mundo em que habita é o seu local de aprendizagem.

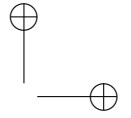
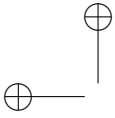
É através da aprendizagem que estabelecemos uma relação de compreensão do mundo e o compromisso educativo, através do qual adquirimos o auto-conhecimento, só se torna uma actividade possível por sermos seres inteligentes, capazes de escolherem e de se auto-dirigirem. Um ponto muito importante no pensamento Oakeshottiano é o facto de “nascermos herdeiros e de só sermos capazes de compreensão do nosso legado, através da aprendizagem.”<sup>4</sup> Portanto, o ser humano é, por natureza ou na sua essência, um aprendiz porque os significados têm que ser aprendidos.

<sup>2</sup> Michael Oakeshott, “A place of learning”, in *The Voice of Liberal Learning*, Liberty Fund, Indianapolis, 1992, p. 16.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 16.

<sup>4</sup> A perspectiva de M. Oakeshott é historicista, pelo que considera o legado histórico como algo de essencial para a nossa auto-compreensão.





### **1.1. A Importância das “Linguagens” para a participação na “Conversa da Humanidade”**

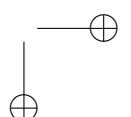
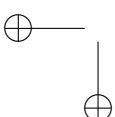
É através da Linguagem que os seres humanos herdaram o mundo de significados que os rodeia. Contudo, o significado da palavra “língua” é muito abrangente no pensamento de M. Oakeshott, pois não está directamente relacionado com a língua nacional. A aprendizagem de uma língua não passa exclusivamente por aprendermos Latim ou Português, mas inclui também as linguagens da História, da Filosofia ou da Matemática, etc., como ele nos diz: “(...) E, é claro que, a aquisição de uma língua não é meramente a aprendizagem do Latim ou do Espanhol, mas também a aprendizagem da língua da história, da filosofia, da ciência e da vida prática(...)”.<sup>5</sup>

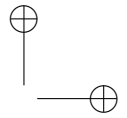
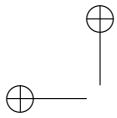
O ponto de encontro onde M. Oakeshott considera possível haver uma linguagem universal é na conversação.<sup>6</sup> É na e pela conversação que nos podemos reconciliar com a “aga” que nos foi imposta pela Torre de Babel. As vozes que participam numa conversa não compõem uma hierarquia e a conversação não tem finalidades extrínsecas; não é um concurso onde o vencedor recebe um prémio nem uma actividade de exegese, sendo, tão-somente, “uma aventura intelectual” não ensaiada. Como seres humanos, somos os herdeiros de uma longa conversa e o desenvolvimento intelectual pleno consiste na contribuição para esta conversa universal onde todos os universos discursivos tendem a encontrar-se. Como nos diz M. Oakeshott, “A conversa é o maior feito e a realização mais plena que o ser humano alguma vez atingiu”.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Michael Oakeshott, “Learning and Teaching”, in *The Voice of Liberal Learning*, p. 52.

<sup>6</sup> *Conversation* como conversação ou conversa. A ideia de conversa como o modo através do qual a humanidade poderia atingir a auto-compreensão. Em M. Oakeshott a ideia de conversa não implica necessariamente interlocutores vivos. Também podemos estabelecer diálogos profícuos com Platão ou Kant.

<sup>7</sup> Michael Oakeshott, “The Voice of Poetry in Conversation of Mankind”, in





Contudo, a conversa pode sofrer alguns danos devido à falta de maneiras dos participantes e, também, por causa dos dogmas que alguns deles tenham. Segundo o autor, quando isto acontece surge a barbárie. Também considera que a excelência da conversa surge de “uma tensão entre a seriedade e a brincadeira” que constituiriam os pólos fundamentais de uma boa conversação.

Recentemente, segundo Oakeshott, parece que se estabeleceu um monopólio que tende a tornar as conversas difíceis, se não mesmo impossíveis. Este monopólio foi estabelecido pela voz da ciência, aliada a uma actividade prática chamada política. O actual status quo tende a trazer grandes danos à conversação e, conseqüentemente, à educação porque a educação mas não é do que a aprendizagem para a participação activa na conversação. É através da educação que aprendemos a reconhecer as vozes através das quais adquirimos os hábitos intelectuais e morais apropriados para participarmos activamente numa conversa.<sup>8</sup> Portanto, o conceito de educação liberal consistiria numa “iniciação à conversação”.

## 2. A EDUCAÇÃO LIBERAL COMO UMA INICIAÇÃO À CONVERSAÇÃO

O conceito de Educação Liberal surgiu por volta do século XII quando, na perspectiva do autor, aprender identificava-se com “a compreensão das intimações feitas pela cultura aos seres humanos historicamente situados.”<sup>9</sup>

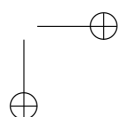
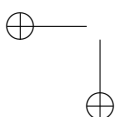
Portanto, a educação liberal consiste em aprender a responder

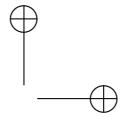
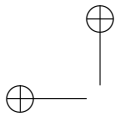
---

*Rationalism in Politics and Other Essays*, Liberty fund, Indianapolis, 1991, p. 489.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 490.

<sup>9</sup> Michael Oakeshott, “A Place of Learning”, p. 18.





aos convites propostos pela grande aventura intelectual em que os seres humanos naturalmente se encontram e na qual construíram os seus vários entendimentos do mundo e deles mesmos. Uma das principais características da educação liberal é que esta não especifica o que deverá ser aprendido, pois a sua principal preocupação é a de “explorar as interpelações que a cultura nos faz, segurando diante dos aprendizes o espelho no qual se reflecte essa mesma cultura.”

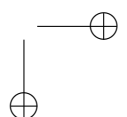
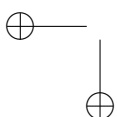
O Eu é, na maioria das vezes, conduzido pelas inclinações e a educação adquire-se de vários modos, em casa com a família, no jardim infantil ou na igreja, mas o processo educativo, propriamente dito, só começa quando os “aprendizes por acaso se tornam em aprendizes através do estudo.”<sup>10</sup>

A origem da expressão educação “liberal” decorre das componentes que a distinguem de outros tipos de educação que não o são. Portanto, ser “liberal” significa estar-se emancipado das ocupações triviais da vida e a escola é considerada como o local onde este clima de despreendimento das rotinas e problemas diários pode ocorrer. Michael Oakshott emprega o termo “escola” no seu sentido etimológico (do grego *scholê* que significa ócio ou lazer). Partilhamos o ponto de vista de Timothy Fuller quando este considera M. Oakshott um adepto do conceito clássico de *Paideia*, tendo sempre o magistério de Sócrates em mente.

A escola deve ser um “lugar à parte” no qual os herdeiros de uma cultura podem encontrar-se com a sua herança moral e intelectual, sendo também o local onde o estudo de uma língua deve ir para além de um simples modo de comunicação, constituindo-se, sobretudo, como “um investimento no pensar”. Portanto, a escola deverá ser uma iniciação organizada na herança intelectual, moral e sentimental de uma determinada cultura, um compromisso

---

<sup>10</sup> *Learning through study* é uma aprendizagem orientada e distinta feita de mestres para discípulos e que deveria ser o verdadeiro “emblema” da educação escolar.



de aprendizagem através do estudo e deverá requerer esforço e um modo de vida monástico. O autor descreve a sua ideia de escola, do seguinte modo:

“(...) A ideia de escola é a de um “lugar à parte” onde um neófito poderá encontrar-se com a sua herança de forma imparcial, sem sofrer as distorções e corrupções provocadas pela linguagem corrente; é também um compromisso de aprendizagem feito não pelo acaso, mas pelo estudo em condições dirigidas com a finalidade de se criarem hábitos de atenção, concentração, exactidão, coragem, paciência, discriminação e reconhecimento da excelência quer no pensamento quer na conduta; é um local onde a aprendizagem da vida adulta se faz de modo a haver o reconhecimento e a identificação de si próprio noutros termos que não os das suas circunstâncias imediatas. (...)”.<sup>11</sup>

O equipamento mais importante de uma escola são os professores porque não só a aprendizagem requer um fazer e um submeter-se, como ensinar é um gesto com a intenção deliberada de iniciar um discípulo nos feitos da humanidade. Segundo M. Oakeshott, um professor é “um agricultor pleno” porque não só tem que plantar a semente, mas também “providenciar que a cultura de uma mente se desenvolva de modo a que o que foi plantado possa crescer.”<sup>12</sup> O professor é considerado como um “agente da civilização” cuja função é a de “aliviar os seus discípulos da servidão imposta pelos sentimentos, emoções, ideias, crenças e aptidões dominantes, não pela criação de alternativas, mas tornando possível aos seus discípulos uma progressiva aproximação à totalidade da sua herança.”<sup>13</sup> A escola é um compromisso histórico entre professores e alunos e esta herança histórica que os professores ensinam é positiva, não necessária, é contingente e composta por uma mis-

<sup>11</sup> Michael Oakeshott, “Education: The Engagement and its Frustration”, in *The Voice of Liberal Learning*, p. 74.

<sup>12</sup> Michael Oakeshott, “Learning and Teaching”, p. 41.

<sup>13</sup> *Idem*, p. 43.

celânea de dados e factos incoerentes, sem tenderem a uma causa final e sem terem um sentido como um todo.

No pensamento deste autor existem sempre dois ingredientes fundamentais no conhecimento que são o *informar e o julgar* portanto, o legado que os professores ensinam é sempre composto por uma síntese destes dois factores. Informação e julgamento são dois modos de comunicação e não constituem partes separadas pertencentes a processos diferentes. De acordo com M. Oakeshott, estes dois ingredientes do processo de conhecimento “emergem da dialéctica ensinar e aprender”. Há faculdades que dependem da informação e faculdades que dependem do julgamento. A informação é impessoal, baseada em factos e pode ser encontrada em manuais e dicionários e enciclopédias; constitui-se como “peça informativa” ou como “conjunto de factos”. Poderíamos resumir dizendo que a informação é o “o quê” e o julgamento ou juízo é o “como ou o porquê”. A principal diferença entre o julgamento e a informação reside neste facto, como nos diz M Oakeshott, “o juízo é uma informação de outro tipo e nunca pode ser itemizada.”<sup>14</sup>

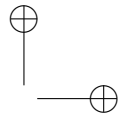
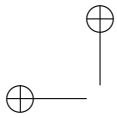
De acordo com este autor, todo o ensino e, conseqüentemente, toda a aprendizagem têm estas duas componentes, a componente da informação designada como “instrução” e a componente do juízo designada como “partilha”.<sup>15</sup>

Portanto, todo o professor é um instrutor e o seu papel como instrutor será o de organizar a ordem da informação, a sua importância e a sua acuidade. Também deverá verificar da prontidão da sua recolha. Mas o ponto central, do ponto de vista do autor, é a “compreensão do que deve passar de informação a juízo”.<sup>16</sup> A educação não deve ser encarada como um modo de aprender a “fazer isto ou aquilo”, devendo constituir-se como a aquisição de um entendi-

<sup>14</sup> Michael Oakeshott, “Learning and Teaching”, p. 41.

<sup>15</sup> *Impartment* que pode ter o sentido de emprestar; comunicar ou partilhar. Optámos pelo termo partilha porque achamos que se adequa mais à relação mestre/discípulo.

<sup>16</sup> Michael Oakeshott, *Learning and Teaching*, p. 57.



mento da condição humana; “aprender deverá ser tornar-se num subscritor autónomo e civilizado da vida humana”.

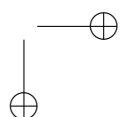
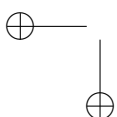
Aprender a pensar não consiste apenas na aquisição de informação adicional, pois não pode ser concretizado do mesmo modo que adquirimos informação. O Julgamento (considerado por M. Oakeshott como a componente mais importante da aprendizagem) não pode ser ensinado por si mesmo e tem que ser ensinado conjuntamente com a informação. Contudo, aprender a pensar não é somente interpretar e utilizar informação. É também aprender a “apreciar as suas virtudes” devendo, por isso, despertar emoções e sentimentos no aprendiz. Aprender é, sobretudo, adquirir a habilidade para sentir e pensar e deverá acordar no estudante, uma capacidade de ouvir e de reconhecer o essencial, distinguindo-o do acessório. M. Oakeshott define este processo do seguinte modo: “(...) Como é que um discípulo aprende a curiosidade desinteressada, a paciência, a honestidade intelectual, a exactidão, a concentração e a dúvida? Como é que ele adquire a sensibilidade para as pequenas diferenças e a habilidade para reconhecer a elegância intelectual? Como é que ele adquire uma disposição que lhe permita submeter-se à refutação? Como é que ele aprende o amor à verdade e à justiça de modo a escapar a fanatismos? (...)”.<sup>17</sup>

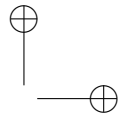
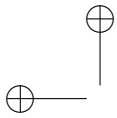
A maneira individual de pensar ou, mais concretamente, ter um estilo, é algo que não depende de regras portanto, aprender não é ser-se detentor de um stock de ideias feitas. Aprender é saber actuar de forma humana “através da contemplação do nosso reflexo no espelho de uma herança de actividades e de significados.”<sup>18</sup>

O ensino através da mestria, isto é, constituindo-se o mestre como um exemplo vivo, é o mais importante porque é através da imitação de um modelo que o discípulo adquire não apenas um modelo para a situação particular, mas a disposição para recon-

<sup>17</sup> *Idem*, p. 59.

<sup>18</sup> Michael Oakeshott, “Education: The Engagement and its Frustration”, p. 67.



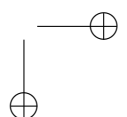
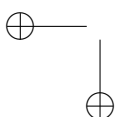


hecer estas qualidades em todas as ocasiões. Tudo isto nos leva a concluir que a aquisição de maneiras individualizadas ou o ter estilo, só pode ser aprendido através da mestria, isto é, tendo um mestre.

No seu ensaio *Rationalism in Politics* o autor volta ao assunto dizendo-nos que há dois tipos de conhecimento, o *conhecimento técnico* e o *conhecimento prático*. O conhecimento técnico pode ser formulado através de regras e aprendido nos livros (informação). O conhecimento prático só pode ser aprendido com um mestre porque não pode ser formulado em regras e constitui-se, muitas vezes, como matéria de opinião (julgamento). O conhecimento prático só pode ser adquirido através da mestria porque é impreciso. Um dos problemas centrais da modernidade consiste, segundo M. Oakeshott, no facto de “haver uma soberania da razão, uma soberania da técnica, porque o racionalismo e os racionalistas aspiram à certeza, apesar de esta aspiração não ser mais do que uma ilusão.”<sup>19</sup> Portanto, tendem a rejeitar a imprecisão e tudo deve passar-se como está descrito nos livros. A mestria passa a ser olhada com desconfiança devido à sua imprecisão.

Descartes e Bacon são considerados como os dois principais mentores destas ideias, pois aspiravam encontrar um método de pesquisa universal e inteligível que pudesse ser aplicado a todo o tipo de realidades. A soberania da técnica invade todas as esferas da actividade intelectual e a educação não é excepção. Os racionalistas crêem que tudo aquilo que for descoberto por eles e para eles é muito mais importante do que a tradição que constitui um “empecilho” para os avanços do progresso. Contudo, o principal problema do racionalismo não reside no facto de sobrevalorizar a técnica e a condição presente do homem, mas em considerar-se como a única via possível para o verdadeiro conhecimento. Citamos M. Oakeshott a este respeito: “(...) o principal problema do

<sup>19</sup> Michael Oakeshott, “Rationalism in Politics”, in *Rationalism Politics and Other Essays*, Liberty Fund, Indianapolis, 1991, p. 17.



racionalismo não está apenas no reconhecimento do conhecimento técnico, mas na sua falha em reconhecer qualquer outro tipo de conhecimento. (...)”.<sup>20</sup>

A fé que o racionalismo tem na certeza é considerada por M. Oakeshott como “uma moda da Europa pós renascentista”.<sup>21</sup> Foi a partir deste momento que o conhecimento técnico começou, progressivamente, a ganhar importância e tornou-se no único conhecimento que realmente interessa.

Os resultados destas considerações racionalistas são que a política e as políticas públicas foram infectadas com esta espécie de vírus. O racionalismo tornou-se o critério de qualquer política pública que aspire ao estatuto de “respeitável” e a educação não foi exceção. A aprendizagem por mestria encontra-se, nos dias de hoje, completamente fora de moda. Finalizaremos este capítulo com a reprodução de um Conto chinês da autoria de Chuang Tzu, que impressionou M. Oakeshott e que também nos impressionou, pois estamos em crer que sintetiza bem esta linha de pensamento.

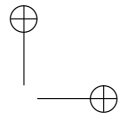
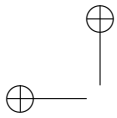
“(…) O Duque Huan de Chi encontrava-se a ler um livro na parte superior do átrio de sua casa, enquanto o homem que conserta rodas se encontrava na parte inferior desse mesmo átrio. Interrompendo o seu ofício, chamou o Duque e perguntou-lhe o que é que estava a ler. “Estou a ler um livro onde estão gravadas as palavras dos grandes sábios.” Respondeu o Duque. “Será que esses sábios ainda estão vivos?” perguntou o consertador de rodas. “Oh, não já morreram”. Respondeu o Duque. “Nesse caso, disse o consertador, o senhor está a ler nada mais, nada menos do que borras e escumalha de homens mortos.”

“Como é que tu, um consertador de rodas, te atreves a encontrar defeitos naquilo que eu leio? Se souberes justificar a tua afirmação, deixo-te ir em liberdade. Se não souberes, estás condenado à morte.”

---

<sup>20</sup> *Idem*, p. 20.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 17.



O consertador de rodas replicou: “Eu encaro este assunto do seguinte modo: quando estou a consertar uma roda, se a pancada for dada devagar, chega ao fundo mas a roda não está segura; se for dada depressa, a roda está segura mas a pancada não chega ao fundo. Portanto, o ritmo certo que é nem depressa nem devagar não me chega à mão se não provier do coração. É algo de indefinível, não pode ser traduzido por palavras; há uma arte nisto que não consigo transmitir ao meu filho e é por isso que aos setenta anos ainda ando a consertar rodas. Na minha opinião, passa-se o mesmo com os sábios do passado. Tudo o que tinham de bom e valioso para transmitirem morreu com eles e o resto, o menos importante, ficou nos seus livros (...).”<sup>22</sup>

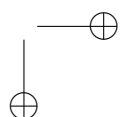
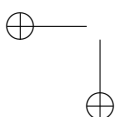
## **2.1. O Projecto de Destruição do Compromisso Educativo**

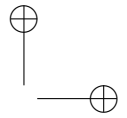
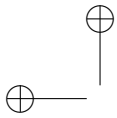
O projecto de destruir a educação teve a sua origem na Europa pós renascentista e foi uma ideia que se espalhou largamente por todo o continente. Segundo M. Oakeshott, nenhum país ficou imune a este movimento que também alastrou pelos Estados Unidos da América. Há três ideias chave que se encontram na base deste projecto de destruição do compromisso educativo, a saber: 1<sup>o</sup>a ideia de que o conhecimento deverá ser um “conhecimento das coisas” e não um “conhecimento das palavras”, 2<sup>o</sup>a indistinção entre a escola e o mundo exterior a ela, 3<sup>o</sup>a convicção de que o conhecimento humano não tem uma herança.

Francis Bacon foi considerado um dos pais deste projecto de abolição das escolas, porque propõe o estudo das “coisas” em detrimento do estudo das “palavras”. Bacon estava convencido que a

---

<sup>22</sup> Michael Oakeshott, “Rationalism in Politics”, p. 17.

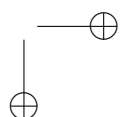
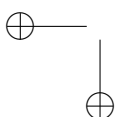


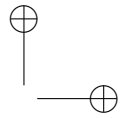
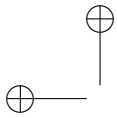


identidade dos seres humanos não deve ser procurada na sua relação com uma herança, um legado de sentimentos, significados e crenças, mas sim na sua relação com as coisas. O conhecimento de nós mesmos foi progressivamente transformado em conhecimento dos processos psicofisiológicos e as palavras consideradas como “imagens distorcidas das coisas”, pois corrompem e distorcem-nas à medida da sua conveniência. Este autor considera que num verdadeiro compromisso educativo, se deveria dar mais atenção ao estudo das palavras do que ao estudo das coisas, pois é nelas que residem os verdadeiros significados. Este facto constitui uma inversão do compromisso educativo e é aqui que, segundo M. Oakeshott, começa a destruição do conceito de educação, pois esta deixa de se constituir como um entendimento de nós próprios e da “compreensão da dignidade moral do Homem”. A doutrina baconiana e o conjunto de “clichés” que a ela andam associados não tiveram impacto imediato sobre o compromisso educativo levado a cabo pelos povos europeus. Contudo, emergiram como um projecto racional de abolição da escola, cuja finalidade é a de lhe retirarem o seu carácter. M. Oakeshott descreve esta ocorrência do seguinte modo: “(...) Na doutrina de Bacon e dos seus contemporâneos próximos, Comenius, Hartlib, Milton *et al.* a educação deixou de se constituir como uma “transacção” entre as sucessivas gerações de seres humanos, em que o neófito é iniciado no seu legado de entendimentos, sentimentos, significados e crenças, para se transformar numa libertação de tudo isto, com a finalidade de se adquirir “conhecimento objectivo”, conhecimento do funcionamento do mundo incontaminado da natureza das “coisas” e das suas “leis”, no qual o neófito seria um actor com papel interventivo. (...)”<sup>23</sup>

A segunda ideia mestra do plano para destruir o compromisso educativo reside na crença de que não há distinção entre a escola e o mundo exterior à mesma. A escola deve transformar-se numa

<sup>23</sup> Michael Oakeshott, “Education: The Engagement and its Frustration”, p. 79.

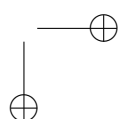
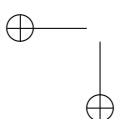




comunidade, num centro cultural ou num centro social e os professores devem actuar como assistentes sócio-culturais treinados. Esta ideia tem como finalidade a participação no mundo das actividades locais dos adultos e pretende-se que a educação seja feita a partir do “livro aberto da vida e da natureza” (mais um cliché baconiano). Este ambiente proporcionaria meios para a “auto descoberta e a auto expressão”, fundamentais para se fazerem “descobertas jamais vistas”. Michael Oakeshott considera este projecto de destruição das escolas similar ao da dissolução dos Mosteiros na Europa do século XVI e, claro está, estas ideias foram e são postas em prática por “governos iluminados”. Também nos dá uma previsão do futuro da educação, por haver muitos “visionários iluminados” preocupados com o tema, cuja função é a de participarem, de forma activa, no projecto de abolição das escolas. “(...) Alguns até já construíram um cenário que vai para além deste parque de diversões para todas as idades. Inspirados nas mais recentes descobertas tecnológicas, prevêm que no futuro cada casa se transforme numa “unidade básica de aprendizagem”. Haverá uma consola electrónica ligada a uma central de computadores, com vídeos, biblioteca digital e microfimes, tudo isto ligado a um canal central de televisão nacional. Todas as aulas seriam dispensadas desta central e dispensar-se ia a presença dos alunos nas escolas. Cada aluno, ao toque do botão, teria acesso a um pacote programado para uso individual e os professores poderiam avaliar os seus progressos e aconselhá-los em conformidade. Os alunos estariam aptos a escolherem os seus objectivos individuais e a prosseguir-los ao seu ritmo. (...)”<sup>24</sup>

A terceira ideia chave que contribui para o designado projecto de abolição das escolas é a “substituição da ideia de educação pela de socialização”. De acordo com o autor, esta ideia é um dos “factos mais notáveis da história europeia recente” e baseia-se na con-

<sup>24</sup> Michael Oakeshott, “Education: The Engagement and its Frustration”, p. 81.



vicção de que não há herança, de que não há legado no entendimento humano. Segundo este princípio, cada geração deve gerar o seu auto-entendimento porque deste modo não inibirá os progressos de ordem social, moral e outros que daí possam advir.

Os objectivos da educação liberal opõem-se a estes “projectos iluminados” mais, constituem-se como um obstáculo à sua implementação na medida em que “pretendem uma evasão da vida quotidiana”, o que pode constituir-se como um “perigo social”, assim como estabelecem “diferenças” não pretendendo a “integração”. O problema da socialização é que esta obedece a fins que lhe são extrínsecos, como por exemplo “a integração de jovens no mundo do trabalho”. A Educação Liberal não tem finalidades extrínsecas e pode ser comparada ao trabalho de um filósofo que age por amor à sabedoria.

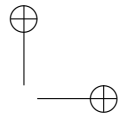
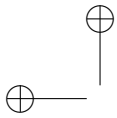
A ideia de se substituir a educação pela socialização foi um processo que teve a sua origem no século XVII e que consistia, segundo M. Oakeshott, “(...) Em equipar as crianças com ferramentas humildes mas modernas para o serviço da nação (...)”.<sup>25</sup>

No século XVIII a ideia de integração atingiu o seu esplendor e os governantes têm o direito e o dever de instruírem os seus súbditos “para o bem-estar da nação”. M. Oakeshott considera que segundo esta doutrina, as crianças, sobretudo as mais pobres, tornam-se pertença do estado. Em todos os países europeus emerge, subitamente, uma alternativa à educação, uma aprendizagem sistemática à vida doméstica, comercial e industrial do estado moderno, só que esta ideia de socialização, como já tinha sido dito anteriormente, obedece a princípios extrínsecos que podem resumir-se ao “bem estar da nação”.

A socialização tem dois objectivos principais: 1ºo fornecimento de “ferramentas” que habilitem para a participação activa numa sociedade industrial e moderna; 2ºuma aprendizagem à vida adulta que seja igual para todas as crianças, de modo a evitarem-se dis-

---

<sup>25</sup> *Idem*, p. 86.



paridades e desigualdades de oportunidade, porque o objectivo é o de se atingir uma sociedade plenamente integrada.

Os principais mentores destas ideias são os “governos iluminados” e o projecto visa traduzir-se em leis e regulamentos onde os seus autores se consideram “os chefes desta associação de propósitos substantivos”.<sup>26</sup>

O resultado das “políticas governativas iluminadas” são, como nota o autor: “(...) O resultado destas políticas, como na Rússia, originou um sistema único de aprendizagem à vida adulta no qual, apesar de alguma diversidade interna, tudo se submete a considerações de ordem social e não propriamente educativa. Em Inglaterra todas as instituições que tinham compromissos educativos, incluindo todas as Universidades, “venderam-se” às considerações de ordem social nos últimos cinquenta anos. (...)”<sup>27</sup>

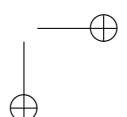
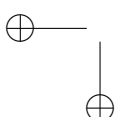
Esta alternativa à educação foi projectada por políticos e em vez de oferecer alívio do mundo imediato e das suas parcialidades, reprodu-lo e fornece ao aprendiz mais e mais informação que já se encontra ao seu alcance. De acordo com M. Oakeshott” (...) O projecto para destruir a educação é conceptual e historicamente conectado àquilo que se entende ser “um melhor entendimento do sistema educativo”.<sup>28</sup> O projecto de destruir a educação é, paradoxalmente, entendido como um melhor entendimento da mesma e dos seus reais objectivos.

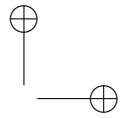
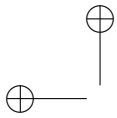
Portanto, aquilo que subjaz a este projecto alternativo à educação inspira-se, em primeiro lugar, na noção baconiana das “coisas” em vez de “as palavras”. Em segundo, na ideia de que a escola é indistinta do mundo que a circunda, o que conduz à abolição da ideia de escola como mundo à parte. As considerações sociais tendem a ser as mais importantes e sobrepõem-se às restantes.

<sup>26</sup> Michael Oakeshott, “Education: The Engagement and its Frustration”, p.92.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 93.

<sup>28</sup> *Idem*, p. 95.



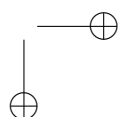
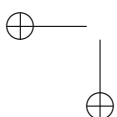


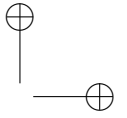
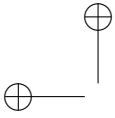
Há também uma tentativa de promoção da cultura científica de modo a que os seres humanos se identifiquem a si próprios na sua relação com as coisas e o seu império sobre as coisas. Mas a pedra angular é a ideia de “integração social” que radica no preconceito de que “tudo é social e de que tudo deve ter uma função social”, portanto, a educação seria algo de social e não algo de distinto. Esta ideologia do “social” torna a educação como um investimento social relacionado com o bem-estar de uma sociedade e as Universidades, segundo M. Oakeshott, transformaram-se “numa indústria de serviços cuja finalidade é a de contribuir para o bem-estar da nação”. Os governos calculam a produtividade das universidades através de análises de custos e benefícios e as últimas décadas mostram-nos que os governos querem transformá-las em “instrumentos de socialização” e submetê-las a propósitos extrínsecos ligados a considerações sociais.

Como toda a actividade humana tende a ser reduzida a problemas de ordem sociológica, concluiríamos com esta pequena reflexão e pela exposição de duas ideias que nos parecem fundamentais para haver um compromisso educativo.

A primeira ideia que devemos ter em mente para que o compromisso educativo se torne numa realidade é a de que a “natureza humana” é o resultado de um processo histórico e não uma condição natural. Portanto, a tradição é fundamental para o nosso autoconhecimento.

A segunda ideia fundamental é a de que as recompensas que a educação deve produzir são a da emancipação do “aqui e agora” da vivência quotidiana, das suas contingências imediatas e das suas parcialidades. Mas, e sobretudo, a educação deve libertar-nos da servidão da nossa condição ordinária e a sua recompensa principal é a de encontrarmos a nossa identidade como seres humanos.





## **BIBLIOGRAFIA**

- OAKESHOTT Michael, *Rationalism in Politics and Other Essays*; Liberty Fund, Indianapolis, 1992, 556 pp.
- OAKESHOTT Michael, *The Voice of Liberal Learning*, Liberty Fund, Indianapolis, 1989, 198 pp.
- OAKESHOTT Michael, *On History and Other Essays*, Liberty fund, Indianapolis, 1999, 120 pp.

